

I

A MÁSCARA

– E posso ir contigo? – perguntou André, sem sequer contemplar a possibilidade de uma resposta negativa. – Assim dou outra olhadela às máscaras, enquanto entregas as chaves ao teu pai.

– Outra vez?! – sondou o amigo, surpreendendo-o. – Deves ter gostado mesmo muito do museu para queres visitá-lo dois dias seguidos. Espera só até o meu pai saber disso!

André deixou-se ficar calado durante alguns momentos, reflectindo se havia de explicar a Ma Lin a verdadeira razão para querer regressar ao Museu do Oriente, ou se seria melhor inventar uma desculpa qualquer.

Realmente não era muito típico dele passar tanto tempo enfiado em museus. Era natural que o amigo se admirasse com tanto interesse.

No dia anterior, aquando da abertura e da muito anunciada Festa do Oriente, a escola organizara uma visita de duas horas durante as quais a jovem guia conseguira atrair a atenção de

toda a classe, relatando exóticas lendas chinesas associadas aos objectos expostos.

Mas não era por isso que André queria regressar e muito menos para acompanhar simplesmente o seu amigo Ma Lin, cujo pai, um chinês um pouco excêntrico, responsável pelo Centro de Documentação do museu, voltara a esquecer pela enésima vez as chaves de casa na mesinha redonda ao lado da porta.

Enquanto esperava pela resposta, Ma Lin observava-o, cada vez mais curioso devido ao suspense da demora e ao brilho curioso que os olhos do amigo reflectiam.

– Então? – insistiu ele. – Porque queres lá voltar?

– Ummm... Era só para não ficar aqui à tua espera... – respondeu André, decidindo que não valia a pena criar expectativas a Ma Lin por uma sua mera curiosidade, ainda por cima muito provavelmente injustificada. – Não tenho mais nada para fazer...

Ma Lin sorriu e fingiu aceitar a desculpa. Saía ao pai mas, por muito distraído que fosse, tinha a certeza de que havia mais qualquer coisa por trás do súbito interesse do amigo.

Conhecera André durante o curso de vela ligeira que ambos tinham feito na Páscoa do ano anterior e convidara-o, como já fizera outras vezes, para praticarem vela em Belém durante o fim-de-semana, desde que o clima o permitisse.

Aliás, o convite até tinha sido feito pelo seu pai, ao saber que André se deslocaria de propósito com a escola de Évora para assistir à abertura do museu. Orgulhoso, sabendo que o resultado do seu trabalho nos últimos três anos estava prestes a ser apresentado ao público, oferecera-se inclusive para pedir à guia mais bem preparada que orientasse a visita de estudo da turma.

Ma Lin ouvira suficientes histórias sobre as aventuras de mistério e de exploração de André e das suas primas, Ana e Maria, para saber que o amigo era um incrível curioso. Portanto, se estava interessado em regressar ao museu era porque existia

um motivo especial. E ele não tinha outra solução senão conter a sua curiosidade até André decidir revelar-lho.

– Então vamos! – disse, fingindo-se desinteressado e pegando num segundo molho de chaves. – Já passa das cinco... precisamos de lá chegar antes das seis porque o meu pai tem de sair para ir não sei onde e depois não tem chaves para entrar em casa.

– Ok! – respondeu o amigo, pegando no casaco.

Já na rua, André bocejou e esfregou os olhos. Não tinha dormido muito bem de noite por causa de um pesadelo que lhe roubara o sono. «O que era?», pensou, tentando recordar-se. «Ah, sim...» Algo relacionado com um chinês que lhe aparecera vestido de mandarim¹ e lhe sussurrara qualquer coisa ininteligível, enquanto se divertia a persegui-lo pelos caminhos de um jardim oriental desconhecido. «Deve ter a ver com o que aconteceu ontem, de certeza», concluiu.

Ao seguirem no eléctrico número 15 de Algés para a Doca de Alcântara, local escolhido para albergar o novo museu, André continuava a lembrar com alguma dificuldade aquilo que vira, ou pensava ter visto, no dia anterior.

De sobrolho enrugado, observou a extraordinária ponte 25 de Abril, fundindo debilmente os seus cálidos reflexos vermelhos nas águas frias do Tejo, incapaz de contrastar o azul pardo do céu e o vento enregelado daquela tarde de Janeiro.

As recordações amontoavam-se-lhe na mente e confundiam-no a ponto de o levar a crer, de vez em quando, que tudo não passara de uma invenção, talvez estimulada pelas fervorosas descrições da guia ou pelas sugestivas máscaras da exposição temporária que a turma tinha visto logo no início da visita.

«Era, ou não, uma pessoa?», perguntava a si próprio, percorrendo mentalmente os corredores do rés-do-chão e os do primeiro andar, onde tinha *quase* a certeza de ter vislumbrado a presença de alguém a esconder-se. *Quase*.

¹ Os mandarins eram altos funcionários dos antigos impérios chineses. (N. da A.)

«Acho que vi uma cara... Ou seria a imagem de uma das máscaras chinesas que me ficou na cabeça?», insistia, confuso.

«Também podia ter sido apenas uma sombra», contrapunha uma segunda voz que lhe soava como um grilo-falante pousado no seu ombro, divertindo-se a aumentar a incerteza. «Aqueles corredores são tão escuros!»

– Sim, são escuros de propósito – respondia-lhe agora uma voz real, ao seu lado.

– Uhhh?... – murmurou André, apercebendo-se então de ter falado alto sem dar conta. – O quê?

– Os corredores do museu são escuros de propósito – repetiu Ma Lin. – Não é disso que estás a falar? O meu pai disse-me que era uma questão de arte e que tinha a ver com a escolha dos objectos expostos nos andares superiores.

– Ah, sim? – replicou ele, sem grande entusiasmo, olhando pela janela do velho eléctrico.

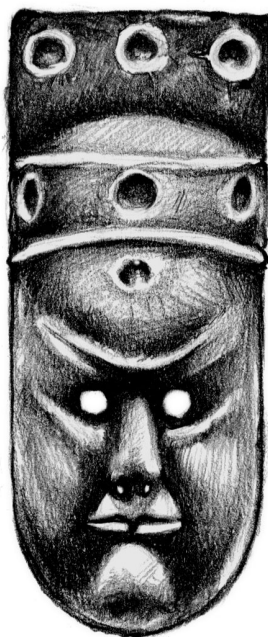
A trepidação e o som metálico das rodas a passar nos carris, bem como a paisagem melancólica do estuário do Tejo à sua direita, distraíram-no de novo.

«Não, que disparate!», voltou a contra-argumentar consigo mesmo. «Não era apenas uma sombra. Tenho a certeza de que vi alguém suspeito a caminhar por aqueles corredores, embora não consiga explicar por que razão me pareceu suspeito.»

Fechou os olhos e suspirou, concentrando-se e tentando visualizar melhor todos os pormenores do que acontecera na véspera. Sim, tinha visto alguém a esconder-se, não dele, certamente, até porque o indivíduo lhe dera a ideia de estar a segui-lo pelo museu, chamando a sua atenção de propósito. Estava, com certeza, a esconder-se de outra pessoa qualquer. Mas de quem?

A primeira impressão de que alguém o seguia tivera-a num dos corredores da exposição temporária de máscaras, quando se deixara ficar para trás dos colegas a apreciar a sua máscara preferida, de Cai Shen, o deus da riqueza. Até fizera imensas perguntas

sobre ela e observara-a durante muito mais tempo do que as outras. Antes de regressar ao grupo baixara-se para apertar os atacadores dos ténis e ao sentir algo a tocar-lhe os cabelos pensara que se tratasse de uma partida de algum companheiro. Porém, ao olhar para cima não vira nada nem ninguém, apenas a máscara longa e de nariz triangular que o fixava como se estivesse viva.



Logo a seguir, ouvira um sussurro, ainda não tinha dado dois passos. Lembrava-se de ter olhado para todos os lados, esperando identificar facilmente a origem do som, mas o facto estranho é que estava sozinho naquele ponto do corredor. Desorientado, decidira contornar a vitrina à sua esquerda em busca da fonte do enigmático ruído, mas em vão. Também ali não se via viva alma.

Apressara-se então a apanhar os colegas que já iam longe no percurso da visita guiada, mas desde aí a sensação de estar a ser

seguido aumentara, levando-o a dar menos atenção às palavras da guia e mais aos ruídos e sombras inquietantes que o perseguiam. Por isso tinha feito o resto da visita na cauda do grupo, um pouco alheado dos outros, atento a todos os movimentos que julgara interceptar pelo canto do olho e aos mais ínfimos reflexos que se esforçara por captar nos espelhos usados para auxiliar a iluminação.

Ao subir as escadas para o primeiro andar tivera a nítida percepção, ainda que por breves segundos, de ver um semblante furtivo deslocar-se em direcção a um dos ângulos escuros das salas. Seguiu-o, antes que a professora o chamasse à atenção, mas a busca levava-o apenas a um corredor vazio que terminava abruptamente com duas portas negras fechadas ao público.

Sentindo um forte encontrão nos ombros, André voltou a abrir os olhos, tomado de surpresa e interrompendo a sua concentração. Era Ma Lin, sentado ao seu lado no eléctrico.

– Então, pá? Estás cá ou entraste no mundo dos espíritos? – riu-se ele, preparando-se para repetir a dose.

André bloqueou-lhe o movimento, empurrando-o com os seus próprios ombros e respondeu:

– Pois, estava distraído.

– Então vê lá se te *atrais*, que vamos sair na próxima – disse o chinês, carregando no botão «PARAR».

André levantou-se, sorrindo divertido com o engano do amigo cujo domínio da língua portuguesa estava ainda longe de ser perfeito. Se um erro daqueles tivesse saído da sua própria boca, teria dado direito a uma entrada de honra no livrinho de notas da sua prima Maria, na secção especial *Os Disparates do André*. Por isso mesmo, ao sair do eléctrico e recordando as inúmeras vezes em que se sentira um perfeito idiota por causa de uma tal incorrecção, decidiu explicar a Ma Lin que *atrain* não era antónimo de *distrain*.

O chinês agradeceu o esclarecimento e registou-o no cérebro, repetindo-o em voz alta:

– *Atrair* não é antónimo de *distrair*.

Caminharam pela passagem aérea que os conduzia à Avenida Brasília, desceram as escadas e começaram a atravessar a estrada até que Ma Lin se deteve a meio para perguntar, muito sério:

– Mas então... Qual é o antónimo de *distrair*?

André, que já tinha chegado ao passeio do outro lado da rua, voltou-se para trás, admirado e algo desprevenido com a questão. Foi então que gritou, alarmado com o carro que se aproximava a grande velocidade do chinês:

– Presta atenção!

– Ah, sim – concordou Ma Lin, retomando os passos e escapando, sem sequer dar conta, de ser atropelado. – Deve ser isso mesmo: *prestar atenção*.

André viu o amigo passar-lhe à frente e examinou-lhe o andar absorto, os cabelos curtos e espetados, a camisola vermelha dos Jogos Olímpicos de Pequim por baixo do casaco preto, as calças de ganga e os ténis Li-Ning¹. Por fim abanou a cabeça e sorriu, dizendo:

– És tão distraído! Sais mesmo ao teu pai!

Ao fim de alguns minutos, entraram no museu pelas enormes portas de vidro que o porteiro lhes abria com um jovial sorriso estampado na face.

– Espera aqui por mim – disse Ma Lin, dirigindo-se às escadas que levavam ao Centro de Documentação. – Não me demoro.

– Ok – concordou André. – Mas não há pressa, não te preocupes.

De testa enrugada, estacou no meio do *hall* de entrada. Acabava de reconhecer a melodiosa combinação de sons orientais que o museu utilizava como música de fundo. Tinha a certeza de que já a ouvira antes.

¹ Uma das maiores marcas de artigos de desporto da República Popular da China. (*N. da A.*)

«Não pode ser uma coincidência!», murmurou.

– *A coincidência tem uma importância extrema na cultura chinesa* – respondeu-lhe alguém, de repente, por cima do ombro e em tom de citação.

André voltou-se e deu de caras com um chinês idoso de longos cabelos brancos e expressão erudita que lhe sorriu e se afastou em direcção à bilheteira, acenando.

O rapaz mordeu o lábio. Era a segunda vez que pensava em voz alta. Teria de passar a ter mais cuidado. E aquele chinês... Conhecia-o de qualquer lado? Tinha a impressão de o ter visto antes, mas não sabia onde.

Olhou em seu redor. Não havia muita gente a visitar o museu àquela hora. Aguçou os ouvidos e voltou a concentrar-se na sequência das notas musicais.

«Sim, sem dúvida!», pensou, certificando-se desta vez que o fazia de boca fechada. «Esta é a mesma música que ouvi hoje durante aquele estranho telefonema...»

O telefonema a que André se referia chegara ao aparelho da casa de Ma Lin por volta das dez dessa manhã, duas horas após os pais do amigo terem saído para o trabalho e quando este estava a meio do duche. André não percebia bem por que razão tinha decidido atender em vez de deixar o telefone tocar, como seria natural, uma vez que não estava em sua casa. E a ideia incomodava-o. Por mais estranha que lhe parecesse, a única explicação encontrada era uma voz misteriosa que se fundira com o próprio toque do telefone e o impelira a responder, murmurando no seu subconsciente: «Atende, André! Atende!» Mas quem é que iria acreditar nele?

Ao atender, não ouvira mais nada do outro lado da linha a não ser uma leve, quase imperceptível, respiração que tanto poderia ser real como um produto da sua fantasia. Pensara que poderia tratar-se de um simples engano ou de um problema técnico na linha, mas ao ouvir a música chinesa a tocar baixinho viera-lhe à mente que deveria ser uma brincadeira de Ma

Lin. Aliás, viria muito a propósito, uma vez que na noite anterior tinham visto o filme de terror *The Ring*, cujos protagonistas se viam perseguidos por um inquietante telefonema que lhes assegurava morte certa ao fim de sete dias exactos.

Na altura sorria, divertido com a partida do amigo, e até quase desligara o telefone, quando de repente dera conta que não podia ser Ma Lin. Era impossível pois este deixara o telemóvel no quarto e além disso não parara de cantar a sua canção preferida de Jay Chou, aos berros no duche, provavelmente agarrado ao chuveiro. Ainda por cima desafinado que nem uma cana rachada... Maldita obsessão pelo karaoke.

Ao aperceber-se de que não se tratava de Ma Lin, mas sabendo então que havia de certeza alguém do outro lado da linha, André tentara desligar diversas vezes o telefone, carregando com insistência no botão apropriado, ou pousando o auscultador para logo voltar a colá-lo ao ouvido. Sentia-se enervado, mas ao mesmo tempo curioso com a paciência do misterioso indivíduo que continuava mudo, sem dizer palavra.

Precisamente quando decidira que a sua própria paciência tinha atingido o limite e que chegara o momento de acabar com a brincadeira, desligando de uma vez por todas, algo extraordinário acontecera: uma voz distorcida e não facilmente atribuível a homem, mulher ou criança, quebrara o silêncio e proferira uma única palavra que André identificara com o vocábulo inglês *itching*. Depois disto seguira-se o timbre contínuo e definitivo da linha livre. O indivíduo tinha desligado.

Era, portanto, evidente que a pessoa do outro lado do aparelho tinha tido um objectivo específico, embora André se sentisse incapaz de o compreender.

Uma coisa era certa: podia não perceber o intuito da brincadeira ou do uso da palavra *itching* – que com certeza não se ficava pela tradução literal de *comichão* – mas estava agora certo de poder identificar a música que ouvia à sua volta no *hall* do museu com a que ouvira de manhã ao telefone. E isto

indicava-lhe que o telefonema e o episódio do dia anterior estavam quase de certeza ligados. O assunto merecia sem dúvida uma pequena investigação.

Olhou para o relógio. Eram seis menos dez. Meteu a mão no bolso das calças e encontrou o bilhete de entrada que a escola lhe dera e que poderia utilizar durante três dias seguidos. Se se despachasse, ainda teria tempo para dar uma volta rápida antes de Ma Lin regressar. Apressou-se, portanto, a entrar.

O corredor da exposição temporária de máscaras estava praticamente vazio, excluindo a sua presença e a de dois franceses que falavam demasiado alto e com frequência excessiva.

Aproximou-se de uma vitrina, em frente à qual se detivera algum tempo na véspera, a contemplar uma fantástica coleção de máscaras chinesas utilizadas no *Nuoxi*. A guia explicara-lhes que se tratava de um rito de exorcismo usado ainda hoje, no qual os bailarinos dançavam para intimidar espíritos maléficos e mostrar o poder das divindades que representavam.

«Uhhh...», murmurou pensativo enquanto observava as cores e as expressões intensas e os olhos proeminentes das máscaras de Tun Kou, Kaishan, Lei Gong e Kui Xing¹. Na véspera não reparara no pormenor, mas agora estranhava como conseguiriam os bailarinos ver através da máscara, se os olhos, em vez de simples orifícios, eram fechados e desenhados com toda a minúcia.

Chegou o nariz ao vidro e só então reparou na existência de uma linha recortada debaixo de cada olho, através da qual se podia ver perfeitamente. «Esperta, esta gente», pensou. «Assim as máscaras parecem muito mais assustadoras.»

Foi então que notou outro elemento estranho:

«Ia jurar que ontem havia doze máscaras nesta vitrina, mas hoje só cá estão onze... É claro! Falta a máscara de...»

¹ Tigre Protector, Deus das Montanhas, Deus das Trovoadas e Estrela da Literatura. (*N. da A.*)

Os dois franceses tagarelas aproximaram-se e interromperam-lhe a linha de pensamento. O rapaz observou-os sem dar nas vistas, esquecendo as máscaras. Não paravam de falar, mas tinham uma pronúncia tão estranha que André não conseguiu perceber uma única palavra do que diziam. Talvez fossem suíços ou belgas. Ambos tinham bigodes demasiado longos e curiosos e vestiam calças de ganga e casacos de cabedal pretos. Um deles usava uma camisa vermelha e o outro uma camisola às riscas azuis e brancas e um cachecol ao pescoço. O primeiro era forte e alto, o segundo magro e de corpo franzino.

André reparou que este último trazia uma luva de pele escura na mão esquerda e imaginou o que estaria por baixo da mesma. Uma prótese, um problema de pele? Ou simplesmente acabara de perder a da mão direita?

Deixou-os a observar a vitrina das máscaras chinesas e prosseguiu o seu caminho.

Um pouco mais à frente, contudo, voltou a estacar de ouvido à escuta, na penumbra de um corredor pouco iluminado. Agora, porém, estava sozinho, sem ninguém perto dele e certo de ter ouvido passos a poucos metros de distância. Ou estaria enganado?

Fixava o vazio à sua volta quando um vulto se lhe atravessou no caminho, saltando de um lado ao outro do corredor em menos de um par de segundos, sem lhe dar tempo para o ver bem. André correu na sua direcção, mas a sombra tinha já desaparecido.

Olhou desconcertado para as caras imóveis das máscaras indonésias que o observavam, divertidas a escarnecê-lo com os seus olhos salientes, bocas abertas e dentes exageradamente grandes.

Teve então a impressão de notar algo em movimento por trás da uma vitrina dupla e acelerou o passo, tentando não fazer barulho. Quando se aproximou do local onde vislumbrara o

vulto, já lá não estava nada, mas ainda foi a tempo de ver, um pouco mais à frente, uma porta de segurança fechar-se silenciosamente, puxada por uma enigmática mão negra.

Decidiu aproximar-se. Ali ninguém podia vê-lo, já que o corredor não continha objectos expostos e não fazia, portanto, parte da exposição. Encostou o ouvido à porta e finalmente ouviu a voz de dois indivíduos que não conseguiu ver:

– Hoje apanhamo-lo de certeza! – dizia um, com voz forte.

– Mas tens a certeza de que está cá? – perguntava o outro, num tom submisso.

– Aposto o que quiseres! Anteontem foi o quimono, ontem a máscara...

– Então e hoje, o que será?

– Nada, porque lhe tratamos da saúde! – exclamou o primeiro.

– Se isto sai para os jornais...

– *Oh la la! Quel dommage!* – respondeu de novo com uma leve inflexão de ironia. – Seria péssimo para o museu! Depois das críticas à iluminação, só faltavam mesmo críticas à segurança...

– Sobretudo aqui mesmo ao lado da Divisão de Investigação Criminal da Polícia, ah! Ah! Mas quem será ele? Algum colecionador maluco, armado em mandarim?

– Não creio. Sabe bem o que...

As vozes extinguiram-se pelas escadas internas acima e André ficou sem saber como terminava a conversa. Afinal sempre havia alguém misterioso a deambular pelos corredores. E segundo a conversa daqueles dois – que talvez fossem os guardas do museu – já tinha roubado um quimono e uma máscara.

«Claro! A máscara de Cai Shen!», exclamou baixinho. «Era essa que faltava! Como é que não me lembrei disso antes?»

Satisfeito e um pouco aliviado, subiu ao primeiro andar. Era evidente que havia ali qualquer coisa. Não se tratava apenas da sua imaginação.

O piso superior, contrariamente ao rés-do-chão, estava cheio de gente. André escolheu a ala esquerda e enfiou-se pelos corredores de paredes escuras, onde se expunham biombos de Macau do século XVIII e quadros de George Chinnery¹.

Reparou num mapa antigo da cidade de Macau que incluía também as ilhas de Taipa e Coloane e que fora desenhado pelo capitão James Cook². A imagem recorrente de um tesouro escondido veio-lhe de imediato à cabeça, mas descartou-a com igual rapidez, justificando-se: «Agora não ando à procura de tesouros, mas de um homem misterioso.»

Percorreu a exposição a passos largos, mas não tendo encontrado nada suspeito dirigiu-se à ala direita. Nesta reviu os biombos de Macau, as miniaturas dos pagodes, os pratos e porcelanas, as caixas de ópio e os cachimbos que vira no dia anterior, mas nada que o auxiliasse na sua caça ao fantasma.

Olhou para cima e franziu o sobrolho. «Há imensos sítios onde uma pessoa pode esconder-se aqui dentro», pensou, examinando os blocos de cimento escuro por cima da sua cabeça a formar autênticos corredores aéreos, ocultos aos olhos dos visitantes.

Um guia que acabava de passar por ele com o seu grupo proferiu uma frase que recordava da véspera:

– Os quadros chineses mostram sempre os ocidentais com uma pele muito branca, de barba e narizes grandes porque era assim que nos viam... Os chineses até diziam que Portugal era uma *nação barbada*.

Alcatifas, quadros e mais biombos enchiam as vitrinas. Um reflexo muito forte de luz captou-lhe a atenção e André caminhou até ele, mas foi impedido de prosseguir por um indivíduo que apareceu de repente à sua frente, de mãos hirtas e olhar aterrado.

¹ Pintor inglês do século XVIII que viveu e trabalhou em Macau durante muitos anos. (*N. da A.*)

² Navegador e explorador inglês do século XVI. (*N. da A.*)

– Alto! Estão a filmar uma entrevista para um programa de televisão com o Dr. Mário Soares e agora não se pode passar por aqui. Vai dar a volta, se fazes favor.

«Então é por isso que há aqui tanta gente», pensou André, vendo uma atarefada equipa de televisão com câmaras e jornalistas em torno do ex-Presidente da República, acompanhados de representantes do museu e de um grande grupo de curiosos. «O fugitivo não podia ter escolhido melhor dia, com toda esta gente distraída!»

Subiu até ao segundo andar, no qual se exibia uma exposição permanente dos *Deuses da Ásia* e onde depressa concluiu ser o único visitante.

Convencido de que o seu fantasma preferia os cantos escuros das salas, André perscrutou-os um a um, até descortinar o reflexo de um vulto a mover-se rapidamente perto de Guanyin, a deusa da compaixão e a mais venerada de toda a China. Não se enganara, lá estava ele!

O corredor encontrava-se deserto, silencioso e iluminado apenas pela luz que lhe chegava de um corredor perpendicular. André aproximou-se rapidamente e verificou que desta vez, porém, o vulto não fugia. Em vez disso, parara e fixava-o ao longe, como se esperasse que ele o seguisse.

O rapaz aguçou a vista e distinguiu finalmente a silhueta de um quimono e os contornos da máscara que cobria o rosto a um indivíduo de ar possante. Quando este se voltou para caminhar em direcção às portas de segurança, André notou-lhe os cabelos brancos compridos, presos num rabo-de-cavalo. Na mão esquerda levava qualquer coisa que ele não conseguia vislumbrar e com a direita fez-lhe sinal para que o seguisse.

André hesitou e sentiu as faces tornarem-se de repente muito quentes. Não é que tivesse medo, mas a verdade é que se sentia pouco à vontade. Estava sozinho num local pouco iluminado, perante um estranho vestido de mandarim, sobre o qual recaíam suspeitas de ter roubado peças do museu e que lhe

pedia que o seguisse. Se algo lhe acontecesse, ninguém saberia de nada. Não se tratava portanto da coisa mais segura que fizera nos últimos meses.

Apesar destes argumentos de peso, André encheu os pulmões de ar e decidiu-se, por fim, a segui-lo. «Afim de contas, foi para isto que aqui vim e já que encontrei o tipo o melhor é tirar umas coisitas a limpo», justificou-se.

O indivíduo tinha entretanto aberto a porta da saída de emergência e esgueirava-se para as escadas que levavam ao exterior.

André estava a poucos passos dele e via-o com bastante mais clareza, mas para além do vermelho do quimono, do branco dos cabelos e do sorriso satírico da máscara que reconhecia como sendo a de Cai Shen, não foi capaz de perceber se o homem tinha boas ou más intenções.

Estava para lhe fazer umas perguntas e esclarecer as suas dúvidas, quando ouviu berros provenientes do andar de baixo.

Reconheceu as vozes dos dois guardas que ouvira momentos antes e que desta vez não falavam, mas gritavam, apressando-se a subir as escadas no encaço do mandarim.

O homem parou um pouco desorientado e fixou André por breves segundos, como se estivesse a pensar nas opções que tinha à sua frente. O tempo, porém, escasseava. Resolveu então escapular-se para o andar superior que levava ao tecto do edifício e voltou a sair da mira dos seus perseguidores.

André escondeu-se no interior do museu, observando o que se passava nas escadas através de uma nesga da porta que deixara ficar entreaberta. Ele próprio não sabia bem o que fazer. Tinha duas possibilidades: ou saía para as escadas e indicava aos guardas a direcção que o mandarim tomara, ou continuava incógnito a espreitar o que se passava sem abrir a boca.

A resposta foi-lhe dada pela mesma voz que antes lhe dissera para atender o telefone e que lhe sussurrava agora para se manter encoberto, dizendo-lhe: «Esconde-te, esconde-te!»

André sobressaltou-se. Olhou para trás de si, esperando ver o rosto da pessoa que lhe falara, mas não havia ninguém perto dele. Aquilo parecia-lhe impossível. Desde quando é que ouvia vozes na sua cabeça? Estaria a ficar maluco?

Os dois guardas tinham acabado de chegar ao andar onde se encontrava o rapaz, que assim teve de encostar a porta para que o não vissem. Ele, porém, via-os muito bem. Eram os dois franceses que vira ao pé da exposição de máscaras chinesas!

Como esperado, os homens prosseguiram no enalço do mandarim.

Assim que os ouviu subir as escadas até ao andar superior, André voltou a entreabrir a porta.

«Afinal não devem ser guardas... O que estarão eles a fazer?», pensou para com os seus botões.

Certificando-se de que tinha a costa livre, seguiu-os até os ver cruzar a saída de emergência para a cobertura externa do museu, gritando algo que ele não percebeu. Continuou a espiar os três indivíduos do lado de dentro da porta mas, como estes depressa abandonaram o seu raio de visão, viu-se obrigado também ele a sair para o exterior.

Foi nessa altura que viu os franceses sacarem de duas pistolas e apontarem-nas ao mandarim.

As coisas estavam a tornar-se feias. André achou por bem certificar-se de que estava convenientemente escondido atrás de um enorme aparelho de ar condicionado antes que a história desse para o torto. Era a primeira vez que se via tão perto de armas de fogo e a sensação era muito pouco agradável.

O mandarim, por seu turno, não pareceu muito incomodado e resolveu a questão com duas piruetas e três mortais seguidos, daqueles que só se vêem nos filmes de *kung-fu*, correndo depois a grande velocidade pelo bordo estreito que delimitava o espaço rectangular da cobertura.

André seguia a cena de boca aberta quando sentiu duas pedrinhas acertarem-lhe no ombro. De onde viriam? Tinha os dois

guardas debaixo de olho, por isso não podiam ter sido eles a atirá-las, mas de repente perdera o mandarim de vista...

De facto, não se enganava. Movendo-se com a agilidade de um puma, o mandarim tinha-se aproximado dele sem que se apercebesse, tocando-lhe ao de leve nos cabelos e fazendo-o olhar para cima. André soergueu os olhos e viu-o de cócoras, no topo do aparelho de ar condicionado, de máscara posta e quimono impecavelmente bem arranjado. Era óbvio que nem um nem outro lhe impediam os movimentos.

– O que é que quer? – perguntou o rapaz, baixinho, para os guardas não ouvirem.

– *I Ching!* – respondeu o homem, com grande calma.

André reconheceu-lhe a voz e o estranho vocábulo, confirmando então que tinha sido o mandarim a telefonar-lhe de manhã, mas continuava a não perceber o que ele queria.

– Ouça... Se tem comichão... – começou por responder, mas depois mudou de ideias, achando que não era o momento mais apropriado para se pôr com piadas. – O que é que quer?

O mandarim enfiou então a mão dentro do quimono, como se se preparasse para dele extrair algo quando os guardas gritaram:

– Ali está ele! Mãos ao ar!

André voltou a esconder-se, esperando que os homens não o tivessem visto. Manteve-se quieto, colado ao aparelho de ar condicionado, mas o coração batia-lhe tão forte e ruidoso que julgou que o denunciaria de um momento para o outro.

Ao olhar para cima ainda foi a tempo de ver o salto acrobático que o mandarim deu antes de cruzar a porta para o interior do museu e desaparecer num ápice pelas escadas abaixo. André teve a ligeira impressão de que algo lhe caíra do quimono mas, como a sua atenção se fixara no salto do indivíduo, não voltou a pensar no caso.

«Como é que ele consegue fazer aquilo?», perguntou-se. «Que espectáculo!»

[32] O Oráculo do Velho Mandarin | *Mafalda Moutinho*

Esgueirou-se em torno ao seu esconderijo para evitar ser surpreendido pelos guardas que entretanto se aproximavam, furiosos por terem perdido de vista o indivíduo.

Só depois de os ver reentrar no edifício decidiu que era seguro sair dali e ir à procura de Ma Lin.

Foi nesse instante que viu algo curioso pelo canto do olho e voltou atrás, ao local onde se escondera. Ao olhar para cima, reparou num objecto escuro colocado no topo do sistema de ar condicionado. Esperou mais alguns segundos para se certificar de que estava sozinho, subindo então pelos degraus de ferro que ladeavam o enorme aparelho até chegar ao cimo.

Quando ali chegou, franziu a testa, pasmado. À sua frente estava um livro grosso de aspecto muito antigo, com uma capa de tecido azul-escura na qual, em dourado, brilhavam as palavras *I Ching*, uma série de ideogramas chineses e o símbolo *Yin e Yang*.



– Afinal o problema do mandarim não era a comichão... – murmurou consigo mesmo, esboçando um sorriso confuso e abrindo o livro. – Está tudo em chinês... Que raio será este *I Ching*?

Enfiou o livro na mochila e desceu dali precisamente no momento em que os dois homens regressavam.

Assim que o viram, correram até ele e agarraram-no pelos colarinhos, gritando:

– Ouve lá, rapaz, viste por aqui alguém?

André não gostou daqueles modos abruptos, mas não sabia o que responder. Tinha cinco segundos para dizer algo inteligente antes de começar a levantar suspeitas. Para ganhar tempo, gaguejou um pouco:

– Eu... eu...

Os outros trocaram olhares, irritados.

– Então? És gago?! – insistiu o mais magro, apontando-lhe o dedo da mão enluvada.

– Não, não sou... Mas bem podia passar a ser! Com o susto que me estão a pregar...

A piada, além de ser outra forma de ganhar mais uns segundos, ajudou André a decidir que àqueles dois não havia de dizer nada.

Os homens largaram-no e recompuseram-se um pouco, aclarando a voz e alisando as camisolas por dentro dos casacos.

– Então quer dizer que não viste um fulano vestido de mandarim passar por aqui, eh? – perguntou o mais forte, num tom mais calmo.

André aproveitou a dica para continuar:

– Vestido de mandarim? Porquê? Estão a organizar algum baile de máscaras?

O homem magro respirou fundo para se acalmar e repetiu:

– Viste, ou não viste?

– Não, não vi ninguém – respondeu por fim o rapaz. – Mas porquê? Quem é esse tal mandarim?

Os homens voltaram a trocar olhares até que o mais magro resolveu responder:

– É um tipo perigoso. Um ladrão! Roubou o quimono e a máscara que trazia postos nos últimos dias e hoje voltou à procura de mais qualquer coisa.

- Sim?... – inquiriu André, curioso – E de quê?
«Estariam a referir-se ao livro?», pensou para si próprio.
– Isso queríamos nós saber! Se o viste tens de nos dizer!
– E os senhores quem são?

A pergunta surgiu demasiado repentina, apanhando os dois de surpresa. Gaguejaram, tossiram e engoliram em seco até que o mais forte encrespou a testa e respondeu:

- Somos guardas, ora essa!
– Guardas do museu? – insistiu André, desconfiado e sem intenção de acreditar neles. – Sem fardas? À paisana?

O mais franzino decidiu atalhar a conversa:

- Sim... à paisana. E tu? Quem és e o que andas aqui a fazer?

André empalideceu, sem encontrar justificação para a sua presença ali. Os visitantes normais do museu não iriam para a cobertura sem uma forte razão e ele não conseguia pensar em nada de convincente.

A sua falta de prontidão na resposta levantou as suspeitas de um deles que de imediato comentou para o companheiro:

- Não será cúmplice do outro?

André encolheu-se por reflexo, tentando afastar-se, mas os homens impediram-no.

– Talvez seja, sim senhor! – respondeu o mais forte. – Vamos revistá-lo.

– Eh, esperem lá! Eu não sou cúmplice de ninguém! Vim para aqui para... uhhh... para...

A porta da cobertura abriu-se de rompante e Ma Lin apareceu com um enorme sorriso nos lábios, completando a frase do amigo:

- Para se esconder de mim! Aha!...

Os indivíduos fizeram uma careta, pouco convencidos, enquanto escondiam as armas dentro dos casacos.

- Vocês já não têm idade para jogar às escondidas!

– Não, não! – exclamou Ma Lin. – Não estão a perceber. O meu pai trabalha aqui no museu e tinha combinado fazer-me

uma visita guiada. Aqui o meu amigo prometeu-me que nos acompanhava, mas depois mudou de ideias e fugiu cá para cima.

– O teu pai deve ser um guia brilhante! – riu o mais alto, como se de repente compreendesse muito bem as razões de André. – Estou mesmo a imaginar o pincel!

O outro interrompeu-o com uma questão mais importante:

– Como te chamas?

– Ma Lin...

André, porém, achou que se havia ali alguém que já devia ter-se apresentado eram os dois homens.

– Estes senhores dizem que são guardas do museu – explicou a Ma Lin, num tom ligeiramente irónico.

– Sim? – perguntou o chinês surpreendido. – Nunca os vi por aqui...

– Vamos mas é embora! – interrompeu o fulano, empurrando o companheiro. – Temos mais que fazer do que estar aqui à conversa.

E desapareceram a correr pelas escadas abaixo.

– Aposto que aqueles tipos não são guardas nenhuns – disse o chinês.

André deu uma palmadinha nas costas do amigo para lhe agradecer e perguntou:

– Onde é que te tinhas enfiado? Viste por onde fugiu o mandarim?

– Mandarim? Qual mandarim? – perguntou Ma Lin espantado.